

EDUCAÇÃO E CONHECIMENTO NA CONQUISTA DA EMANCIPAÇÃO HUMANA

Eixo: Marxismo, educação e luta de classes: desafios históricos e urgências contemporâneas

Maria Núbia de Araújo¹

RESUMO

O trabalho trata-se de um apanhado histórico sobre o trabalho e sua articulação com o papel da educação e do conhecimento na conquista da emancipação humana, articula em seu desenvolvimento as principais categorias de análise: trabalho, educação e ciência/conhecimento. Partindo da centralidade do trabalho, compreendida como fundamento ontológico do pensamento marxista, apresenta uma breve história do trabalho e da educação, por entender que o contexto histórico deve ser resgatado para melhor compreensão do objetivo. A relevância deste trabalho posta na retomada da centralidade do trabalho ontológico no campo do conhecimento deve construir a busca pela emancipação humana ao analisar a realidade dos complexos da educação e da ciência/conhecimento e sua articulação com determinações socioeconômicas atuais que interferem direta e indiretamente nas bases fundamentais para uma formação docente sólida atravancando o processo de luta pela emancipação humana e construção de uma sociedade nova. De natureza bibliográfica sustentada nos teóricos: Marx e Engels (2007); Marx (2010) e (2013); Lessa (1996); Lessa e Tonet (2008); Tonet (2008), (2013a) e (2013b); Kosik (1976); Antunes (2011); Saviani (1994) e (2007); e Sousa Junior (2010).

Palavras-chaves: Trabalho. Educação. Emancipação Humana

EDUCACIÓN Y CONOCIMIENTO EN LA CONQUISTA DE EMANCIPACIÓN HUMANA

RESUMEN

La obra es una visión histórica de la obra y su articulación con el papel de la educación y el conocimiento en la conquista de la emancipación humana, se articula en su desarrollo las principales categorías de análisis: el trabajo, la educación y el conocimiento científico. A partir de la centralidad del trabajo, entendida como fundamento ontológico del pensamiento marxista, presenta una breve historia de trabajo y educación para comprender el contexto histórico debe canjearse para una mejor comprensión de la meta. La relevancia de este trabajo puesto en la centralidad ontológica de la reanudación de los trabajos en el campo del conocimiento debe construir la búsqueda de la emancipación humana para analizar la compleja realidad de la educación y la ciencia / conocimiento y su articulación con las determinaciones socioeconómicas actuales que afectan directa e indirectamente a las bases fundamentales para una formación docente sólida estorbar el proceso de lucha por la emancipación humana y la construcción de una nueva sociedad. Naturaleza sostenido de la literatura teórica: Marx y Engels (2007); Marx (2010) y (2013); Lessa (1996); Tonet y Lessa (2008); Tonet (2008), (2013a) y (2013a); Kosik (1976); Antunes (2011); Saviani (1994) y (2007) y Sousa Junior (2010).

¹ Graduanda em pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail:nubiabruxa@gmail.com

Palabras clave: Trabajo. Educación. Emancipación Humana

Introdução

O artigo ora apresentado é parte constituinte do trabalho monográfico, cujo título é *A fundamentação teórica como imperativo na graduação em pedagogia: da centralidade dos saberes à centralidade do trabalho* (ARAÚJO, 2014).

Neste trabalho, trata-se de um estudo sobre a história da humanidade e sua relação com o trabalho ao longo do seu desenvolvimento e o surgimento dos demais complexos da educação e da ciência (conhecimento). O pressuposto da ontologia de Marx afirma que os homens só podem viver efetivando uma contínua transformação da natureza. O resultado final desta transformação é previamente planejado na consciência descobrindo os fins e os meios que orientam as ações e objetos posteriores.

O trabalho é base do desenvolvimento da humanidade, ao longo dos anos o homem, no intercâmbio com a natureza, cria constantemente o novo. Assim, o trabalho é o primeiro complexo desenvolvido na relação com os outros homens, estes constroem e desenvolvem a sociedade e a linguagem possibilitando outras mediações, conforme Lessa (1996).

Ao desenvolver um novo objeto, este possibilita ao homem uma série de novas necessidades e novas possibilidades. Simultaneamente, ao construir tal objeto, o homem adquire novos conhecimentos e novas habilidades, transforma a si e constrói um mundo humano. Este processo é, portanto um acúmulo histórico, no qual homem e objeto são sempre diferentes à medida que desenvolvem e adquirem novas características.

O trabalho e educação na constituição do ser humano

A humanidade desenvolveu-se ao longo da história a partir do trabalho, da sua intervenção na natureza, essa tarefa de transformá-la constantemente possibilitou aos seres humanos o seu desenvolvimento como seres sociais e a incessante produção do novo. “Essa é base ineliminável do mundo dos homens” (LESSA; TONET, 2008, p. 17). Na transformação da natureza, produz-se a reprodução da sociedade.

O trabalhador nada pode criar sem a *natureza*, sem o *mundo exterior sensível*. Ela é a matéria na qual o seu trabalho se efetiva, na qual [o trabalho] é ativo, [e] a partir da qual e por meio da qual [o trabalho] produz. / Mas como a natureza oferece os *meios de vida*, no sentido de que o trabalho não pode viver sem *objetos* nos quais se exerça, assim também oferece, por

outro lado, os meios de vida no sentido mais estrito, isto é, o meio de subsistência física do *trabalhador* mesmo. (grifos do autor, MARX, 2010, p. 81).

Ao produzir novos objetos, surgiram, então, novas necessidades e novas possibilidades, dessa forma, cultivando a terra e criando animais, o homem constituiu sua soberania em relação à natureza e pôde superar as limitações biológicas, afastando suas barreiras naturais, consolidando sua característica genuína, o ser social. O desenvolvimento do ser social, nas palavras de Engels, ocorre porque (1876, p. 12) “[...] quanto mais os homens se afastam dos animais, mais sua influência sobre a natureza adquire um caráter de uma ação intencional e planejada, cujo fim é alcançar objetivos projetados de antemão”.

A humanidade se constituiu historicamente com a tarefa da autoprodução, a partir de sua ação mediada pelo trabalho na transformação e manipulação da natureza, através de experimentos para a produção da riqueza, este se constituiu como um ato social. A concomitância da articulação e diferença do mundo dos homens com a natureza fundamenta-se no trabalho. É por meio dele que os homens se constroem em sociedade e enquanto indivíduos [...] “se faz um autêntico ser social” (LESSA; TONET, 2008 p. 17). O homem ao produzir os meios de vida produz a si mesmo, ser humano-social.

O complexo da educação surge simultaneamente com o trabalho, e exerce a função principal de garantir a cada nova geração a apropriação histórica e cultural da humanidade. O papel da educação, na sociedade vigente, entretanto, complexifica-se, predominando a reprodução social, o ajuste dos indivíduos à ordem, formando para o mercado de trabalho, características que se desenvolvem com o surgimento das classes sociais. Nos demais complexos é possível se desenvolver atividades política e educativa na práxis social para construir espaços propositivos na busca da emancipação humana.

Segue-se tratando da relação do complexo da educação com o desenvolvimento dos modos de produção e sua articulação com o trabalho historicamente situado, bem como a repercussão da base material na produção intelectual.

No comunismo primitivo, “a educação coincidia inteiramente com o próprio processo de trabalho.” (SAVIANI, 1994, p. 2.) Os seres humanos educavam-se ao agir na natureza, transformando-a repassavam seu conhecimento aos filhos, tanto para satisfazer suas necessidades objetivas, como para garantir a continuidade e a reprodução social, propiciando o acesso, por meio do trabalho, ao conhecimento para as novas gerações.

[...] seu desenvolvimento e seu aperfeiçoamento posteriores por meio da produtividade aumentada, do incremento das necessidades e do aumento da população, que é a base dos dois primeiros. Com isso desenvolve-se a divisão do trabalho, que originalmente nada mais era do que, a divisão do trabalho no ato sexual e, em seguida, divisão do trabalho que, em consequência de disposições naturais, necessidades causalidade etc, etc, desenvolve-se por si própria ou naturalmente. (MARX; ENGELS, 2007, p. 35).

A natureza da educação possuía base coletiva e descentralizada, pois esta ocorria durante o trabalho. Eles produziam somente o suficiente para as suas necessidades e, mesmo assim, dividiam as mais variadas carências próprias daquela escassa fase de desenvolvimento das forças produtivas. O conhecimento e a educação eram generalizados e socializados para toda a comunidade. Esse processo de educação era fundamental, pois cada nova geração precisava desse conhecimento para manter o desenvolvimento e a sobrevivência da comunidade e da humanidade como gênero, conforme (LESSA; TONET, 2008). Neste período, ambos: educação e conhecimento articulavam-se numa relação indissolúvel com o trabalho e seu desenvolvimento como atividade de transformação da natureza e autotransformação do ser humano, portanto, seu processo de consolidação coincide (de forma contraditória) com o afastamento das necessidades próprias do trabalho ontológico e proximidade do trabalho estranhado, como demonstra (SAVIANI, 2007).

Segundo Marx (2007), o trabalho é o primeiro ato histórico, atividade livre e consciente, a produção dos meios de vida para a satisfação das necessidades, a produção da vida material, uma condição fundamental de toda a história. Ao satisfazer suas necessidades e ao construir os instrumentos há o surgimento de novas necessidades, assim se produz, constantemente, o novo e o autodesenvolvimento histórico humano.

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural.

No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente. (MARX, 2013, 255-256).

No modo de produção asiático, diferentemente do comunismo primitivo, a exploração dos trabalhadores era realizada pela classe dominante, passou a ser autorizada com a criação do Estado e do Direito, tais complexos se desenvolveram com a finalidade de organizar a vida social através das leis e regras estabelecidas a favor dos dominantes. Esse modo de produção baseou-se restritamente na agricultura e pecuária.

O desenvolvimento da agricultura e da pecuária, nessas sociedades deu origem à divisão do trabalho² e a exploração do homem pelo homem e, sob essa forma de exploração, surgiu às classes sociais: a dos proprietários e não proprietários “[...] são grandes grupos de indivíduos, cuja origem está no processo de produção e apropriação da riqueza. Cada um desses grupos tem interesses, que não são comuns a todos os seus membros.” (TONET, 2013a, p. 16).

A divisão do trabalho só se torna realmente divisão a partir do momento em que surge uma divisão do trabalho material e [trabalho] espiritual. [...] a partir desse momento, a consciência *pode* realmente imaginar-se ser outra coisa diferente da consciência da práxis existente [...] está em condições de emancipar-se do mundo e lançar-se à construção da teoria, da teologia da filosofia e da moral etc “puras” (MARX, ENGELS, 2007, p. 35-36).

No escravismo, a riqueza dos senhores era medida pela quantidade de escravos. Havia a preocupação destes em aumentar suas posses na conquista de novos impérios e retirada de escravos que ali se encontravam. A existência de duas classes sociais com interesses antagônicos, os senhores e os escravos, especialmente, na Grécia e em Roma. Nessas sociedades “[...] toda a produção pertencia ao senhor, aos escravos não interessava o aumento da produtividade” (LESSA, TONET, 2008, p. 57). Durante muito tempo, não foi possível o desenvolvimento da técnica e dos métodos de organização da produção. Em decorrência da divisão do trabalho, o conhecimento se configura nesse momento histórico fragmentado ao passo que, se desenvolve em áreas distintas e não articuladas.

Na Grécia e Roma antiga, após a mudança do modo de produção comunal, a educação coincidia com a concepção de formação humana no significado grego, ao contrário da *duléia*³, a *Paidéia*. Segundo Tonet (2008, p. 83) “[...] exprimia o ideal de desenvolver no homem aquilo que era considerado específico da natureza humana: o espírito e a vida política”. Nesse sentido, a educação se distanciava do trabalho para desenvolver outros elementos no ser humano, mesmo assim, essa formação era privilégio de poucos, dadas as condições sócio-históricas.

² Engels assegura que “A primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos” (1987, p.70). Considera, com Marx, que a primeira opressão de classes se deu com o sexo feminino pelo masculino. ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Tradução de Leandro Konder. São Paulo: Civilização Brasileira, 1987.

³ Para Saviani (2007, p. 156), *Paidéia* significa educação enquanto inserção da criança na cultura e *Duléia*, significa escravidão, remete à educação enquanto conformação do escravo a sua condição. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. In: Revista Brasileira de Educação, v 12, n 34, jan./abr. 2007.

[...] em todos os modos de produção encontramos duas classes fundamentais: a daqueles que produzem a riqueza e a daqueles que são proprietários dos meios de produção e se apropriam da maior parte da riqueza produzida. Entre essas duas classes existem outras, que não produzem a riqueza material, mas se apropriam de parte dela e, por isso mesmo são, do ponto de vista estrutural, menos importantes. (TONET, 2013a, p. 16).

Na Idade Média, com o feudalismo, “[...] a organização da produção era em unidades auto-suficientes, essencialmente agrárias e que serviam também de fortificações militares para a defesa: os feudos”. (LESSA, TONET, 2008, p. 63). A agricultura e a pecuária, como todo o trabalho do campo, era realizado pelos servos, estes possuíam ferramentas e ficavam com uma parte da produção, diferentemente dos escravos eles eram de responsabilidade do senhor feudal, que era o proprietário de terra, e seu líder militar. Quanto à escola na Idade Média é um pouco ampliada, mas continua somente para as classes abastadas.

O humanismo Renascentista a partir do século XIV a meados do século XVII e a *bildung*⁴ alemã na metade do século XVIII “[...] também expressam a ideia de uma ampla e sólida formação do ser humano, de acordo, (TONET, 2008, p. 83)”. Entretanto, todas as concepções, apesar de tratar-se da formação humana, se desenvolveram numa perspectiva de desenvolvimento unilateral, pois o espírito era privilegiado em detrimento dos aspectos corporais, dessa forma este era subjugado ao outro, pois os exercícios físicos se limitaram a mera preparação para o pleno desenvolvimento das faculdades mentais.

Os modos de produção até então desenvolvidos implicavam uma profunda separação entre trabalho manual e trabalho intelectual, pois a humanidade encontrava-se num estágio limitado de acumulação de conhecimentos.

Portanto, conforme Tonet (2013a, p. 24) o trabalho não requeria um conhecimento científico para a transformação da natureza, não havia um conhecimento sistematizado e empiricamente fundamentado. “Aos escravos e servos cabia a produção dos bens materiais”. O conhecimento necessário era somente o que se adquiria pela prática no processo de trabalho, por isso a concepção de conhecimento nesse momento era visto como essencialmente imutáveis.

Na Idade Moderna com o desenvolvimento das forças produtivas tem-se a necessidade de educar para o trabalho. Saviani (1994) salienta que, a educação passa a ser desenvolvida e sistematizada pela escola, desde seu surgimento na antiguidade, a escolas e constituiu como o

⁴ O conceito é desenvolvido em cinco etapas: *Bildung* como trabalho, como viagem, como tradução, como viagem à Antigüidade e como prática filológica. Estas sugestões podem contribuir para a interpretação de obras de filosofia da arte e da cultura, por exemplo, passagens de Hegel, de Hölderlin, do romântico Friedrich Schlegel e de Nietzsche. SUAREZ, Rosana *Nota sobre o conceito de bildung(formação cultural)* in: Site: http://www.scielo.br/scielo.php?Pid=S0100-512X2005000200005&script=sci_arttext. Acessado em 18/07/2014.

lugar do ócio. O trabalho ontológico é diluído e deixado de lado no processo de formação humana, tanto a transformação da natureza, da manipulação da matéria para a produção da riqueza. O processo de trabalho, no capitalismo, cede lugar às relações de trabalho estranhadas e alienadas, não havendo o desenvolvimento das atividades de maneira plena. O trabalho continua tendo sua importância no processo de formação. Assim como na Idade Média, a modernidade manterá a separação entre o trabalho material e espiritual

Somente com o advento do capitalismo, o trabalho passa a ser valorizado como a atividade principal, todavia, o trabalho simples visto como produtor de mercadorias, dado o interesse de universalizar o trabalho para explorar a força do trabalhador e não o trabalho com atividade criativa, como exteriorização das potencialidades humanas. Já a formação humana, passou ao segundo plano. Com a contribuição crítica de Marx foi possível,

[...] lançar fundamentos de uma concepção radicalmente nova de formação humana. E o fundamento desta concepção radicalmente nova encontra-se exatamente na apreensão da correta articulação entre espírito e matéria, entre objetividade e subjetividade, entre interioridade e a exterioridade no ser social. (TONET, 2008, p. 84).

Ao tomar como ponto de partida o trabalho, segundo Tonet (2008), “[...] Marx constata que este ser não se define pela espiritualidade, mas pela práxis” (p. 84). Esta tem como o objetivo principal de conquista a emancipação humana, isto é, uma formação articulada na totalidade do desenvolvimento de todas as dimensões humanas.

A consolidação da sociedade capitalista a partir da divisão de classes ocasionou um duplo efeito na história da humanidade, o primeiro refere-se ao desenvolvimento das forças produtivas possibilitando a produção de riquezas material e espiritual. O segundo efeito é decorrente do primeiro, posto que a formação humana no sentido pleno tornou-se cada vez mais difícil com a divisão do trabalho, a substituição de trabalho vivo por trabalho morto, ou seja, a substituição de homens por máquinas e com isso agudização do processo de estranhamento⁵. Nesse contexto, ocorreu a exclusão da maioria da população do acesso a esses bens produzidos e, por fim, a propriedade privada com a divisão do trabalho consolidou nos moldes do capital o processo de alienação.

⁵ Estranhamento para Marx (2010a) possui quatro dimensões: (1) *produto do trabalho* – estranho e poderoso sobre ele se materializa num mundo alheio e hostil. (2) *ato da produção*, ou seja, no processo, no interior do trabalho – atividade é estranha, não pertencente ao trabalhador, natureza – de sua função ativa (3) do *gênero – essência humana* (4) o homem de *si mesmo*.

O trabalho, num procedimento reflexivo de maior abstração, é a atividade vital, ontologicamente fundamental, através do qual o homem se faz homem. Nesse plano de análise o trabalho é plena positividade. Noutro plano de análise, quando o trabalho é considerado segundo as condições históricas determinadas, quando ele é analisado como atividade [...] sob as condições dadas da sociedade do capital como trabalho abstrato, alienado, assalariado ele passa a ser central para sustentação [...] da ordem do capital [...] pilar fundamental da sociedade negadora homem [...] adquire uma dimensão negativa. (SOUSA JÚNIOR, 2010, p. 60).

Compreende-se, nessa concepção a contradição eminente no capitalismo e sua repercussão no campo da educação e do conhecimento como dois pólos complementares e determinados historicamente, por vezes limitando-se a lógica reprodutiva do sistema e por outras a necessidade de superação da realidade posta. No escopo de Marx, o trabalho identificado em suas contradições intrínsecas, seja como trabalho inserido em determinada relação social de produção da vida (reino da necessidade), ou trabalho como atividade espiritual para o acesso universal à riqueza (possibilidade do reino da liberdade). É necessário, pois, compreender a aceção escolhida para não deixar margem de dúvida acerca dos limites e possibilidades acerca do trabalho, bem como apropriar-se dos conceitos de trabalho manual e intelectual e suas respectivas especificidades e subterfúgios no capitalismo atual.

Compreende-se e assinala-se os dois aspectos acima citados, tanto o lado positivo, como o lado negativo do trabalho. O lado positivo está relacionado ao desenvolvimento humano e a transformação da natureza, como negativo entende-se que o trabalho estranhado compõe o impedimento da humanidade de se desenvolver plenamente. Nessa perspectiva, é preciso tomar a educação – complexo fundado no trabalho, considerando as diferentes dimensões, tanto negativas e positivas, situando sua complexidade na contemporaneidade, visto que a educação é nessa esteira predominantemente reprodutora de desigualdades, valores, mas possui uma margem de contradição que possibilita atuar nesse espaço contra-hegemônico de transformação social, dada a autonomia relativa⁶ que possui em relação ao trabalho.

A educação deve estar articulada com a práxis político-educativa ancorada ao desenvolvimento da sociedade, tomando a totalidade como aspecto fundamental de sua compreensão.

⁶ Para melhor entendimento ver na obra *Método científico* uma abordagem ontológica, TONET, Ivo, 2013a, p. 92.

O papel da educação e do conhecimento para construir a emancipação humana

O conhecimento não tem fim em si mesmo, visto que era repassado por meio do trabalho no curso de seu desenvolvimento. A educação é o processo responsável pelo acesso e conservação do conhecimento, portanto, a mediação que possibilitou seu acúmulo histórico nas relações humanas. Com o aperfeiçoamento do complexo da linguagem e com o desenvolvimento do complexo da educação, tornou-se possível sistematizar conhecimentos sobre os diversos campos da realidade que fora possível classificar. Assim, o conhecimento deve ser compreendido historicamente sob pena de comprometer uma investigação séria acerca de suas características e movimentos.

O conhecimento verdadeiro, conforme o padrão grego e medieval possuía um caráter mais contemplativo do que ativo, como assegura Tonet (2013a p. 24) “Deste modo, tanto o conhecimento como ação tinham como pólo regente a objetividade (mundo real), sendo esta marcada por um caráter essencialmente a-histórico”. Dentre as principais questões e necessidades impostas ao conhecimento, perpassam em suas mediações a origem, o valor, os limites e suas possibilidades em determinado tempo histórico.

Elegem-se interrogações sob a centralidade do trabalho nas abordagens do conhecimento desenvolvido até aqui, sob esta perspectiva elenca-se a distinção duas concepções, segundo Tonet (2013a), entre a perspectiva gnosiológica é a abordagem de qualquer objeto a ser conhecido que tem como eixo o sujeito. Ele é o pólo regente do processo de conhecimento, colhe os dados, classifica, ordena, estabelece as relações entre eles, por fim constrói o objeto. A perspectiva ontológica é a abordagem de qualquer objeto que tem como eixo, ele próprio. A ontologia é a captura das determinações mais gerais e essenciais do ser e não, ainda da sua concretude integral, portanto trata-se da tradução do objeto.

Na sociabilidade capitalista, a centralidade do trabalho abstrato propicia compreender a submissão da formação espiritual humana aos ditames da produção de riquezas. Em decorrência disso, a impossibilidade de uma verdadeira formação humana integral. “Enquanto se opera no plano gnosiológico, a desconstrução ontológica do trabalho, paralelamente, no mundo real, este se converte (novamente?) em mais uma das explosivas questões da contemporaneidade.” (ANTUNES, 2011, p. 174), portanto, perde-se a centralidade do trabalho e gera-se uma confusão na compreensão da realidade diluindo o que é sua base social.

As classes sociais são constituídas de grupos de indivíduos que, originados no processo de produção e apropriação da riqueza, possuem interesses diversos. De acordo com

Tonet (2013a, p. 18) “[...] os que se apropriam da riqueza estão completamente apartados das atividades relativas à sua produção. Há, portanto, uma separação radical entre trabalho manual e trabalho intelectual, do que resultarão importantes consequências para a elaboração de uma concepção de mundo”.

A centralidade da subjetividade, na atualidade, por exemplo, em suas formas e consequências, determina para o conhecimento e para a educação obstáculos à emancipação humana, assim como a negação da centralidade do trabalho. Tonet (idem, p. 58), afirma que há [...] “uma dissociação entre a consciência e a realidade efetiva”. A consciência perde a capacidade de apreender a realidade na sua coerência própria. Falseiam-se as determinações sociais a partir dos fenômenos.

Não têm história, nem desenvolvimento, mas os homens, ao desenvolverem sua produção e seu intercâmbio materiais, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. (MARX E ENGELS, 2007, p. 94)

O capitalismo emaranha-se na mistificação da mercadoria, apesar de o estranhamento originar-se no processo de produção, seus elementos encontram-se escamoteados, falseando as propriedades do processo do modo de produção, da circulação e do consumo. Assim, a informação e o conhecimento são postos como base da sociedade atual, implicando em retrocessos para a análise da realidade objetiva tal como ela se apresenta.

O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre objetos, existentes à margem dos produtores. (MARX, 2013, p. 147).

A educação e o conhecimento tornaram-se mercadorias valiosas (mistificadas) em tempos de retornar a velhas ideologias revistas pela Teoria do Capital Humano⁷, (neo)

⁷ Essa teoria foi desenvolvida por Theodore W. Schultz (1950) a partir de uma pesquisa desenvolvida pela Unesco [...] acerca da situação do ensino de países pobres e ricos de todos os continentes. Schultz constatou que, quanto maior a riqueza de um país, maior o nível de instrução de sua população e melhor a situação do ensino. FRERES, Helena, RABELO, Jackeline, MENDES SEGUNDO, Maria das Dores. *Governo e empresariado: a grande aliança em prol do mercado da educação para todos*. In. *Marxismo, educação e luta de classes: pressupostos ontológicos e desdobramentos ídeo-políticos*. (Org.) Susana Jimenez, Jackeline Rabelo, Maria das Dores Mendes Segundo. Fortaleza: Ed. UECE, 2010.

positivismo, (neo) pragmatismo, dentre outras correntes filosóficas reeditadas sob o jugo do capital.

As consequências são sérias e repercutem numa análise que requer o retorno à centralidade do trabalho com fundamento sócio-histórico humano para desvelar a realidade em suas nuances, contradições e movimentos. Para tanto, necessita-se de um aprofundamento, caminhando na busca da totalidade e da essência das coisas.

A questão de saber se ao pensamento humano cabe uma verdade objetiva não é uma questão da teoria, mas uma questão prática. É na prática que o homem tem que provar a verdade, isto é, a realidade e poder, a natureza interior de seu pensamento. A disputa acerca da realidade ou não irrealidade do pensamento – que é isolado da prática é uma questão puramente *escolástica*. (MARX E ENGELS, 2007, p. 533 – II Tese sobre Feuerbach).

Nesse caso, a apropriação da realidade objetiva é posta como um imperativo da práxis humana. Desse modo, tanto a educação como o conhecimento devem partir da totalidade social, discorrer sobre as possibilidades de superação das carências para assumir-se como um devir das novas necessidades humanas.

A dialética da totalidade concreta não é um método que pretenda ingenuamente conhecer *todos* os aspectos da realidade, sem exceções, e oferecer um quadro “total” da realidade, na infinidade dos seus aspectos e propriedades; é uma teoria da realidade e do conhecimento que dela se tem como realidade. (KOSIK, 1976, p. 44)

Nesse contexto, está posta a relação da educação como práxis eminentemente educativa, como possibilidade do devir humano em suas contradições e movimentos. A educação e o conhecimento, a reboque, na sociedade capitalista são também causadores de unilateralidade, negando o homem total.

[...] a apropriação *sensível* da essência e da vida humanas, do ser humano objetivo, da obra humana para o pelo homem, não pode ser apreendida apenas no sentido da *fruição imediata*, unilateral, não somente no sentido da *posse*, no sentido do *ter*. O homem se apropria da sua essência omnilateral de uma maneira omnilateral, portanto como um homem total. (MARX, 2010, p. 108).

Esse processo anterior só pode ser engendrado na práxis, pois, segundo Tonet (2013a, p. 73), [...] “é exatamente o conceito que traduz a forma como se articulam subjetividade e objetividade, sob a regência desta última, em todas as atividades humanas”. Essa categoria de

análise da realidade social configura-se como a atividade humana histórica, assim como a educação e o conhecimento. O ser humano se define como ser prático. Contudo, essa atividade política-educativa deve ir além do caráter prático.

A emancipação humana é compreendida, portanto como a autenticidade proporcionada pelo desenvolvimento de todas as dimensões humanas em busca de sua plenitude, integralidade. Essa formação humana integral necessariamente se dará com o acesso pleno aos bens materiais e espirituais por parte de toda humanidade. Reivindica-se aqui, a centralidade do trabalho na concepção de educação e conhecimento em sentido *lato*, para afirmar a necessidade de superação do capital e construção de uma nova sociabilidade.

Considerações finais

Assim, como a burguesia precisou criar um conhecimento novo para realizar a crítica à sociedade medieval, é preciso um conhecimento que realize uma crítica radical e profunda a esta sociabilidade. Ao afirmar a nossa historicidade constituída por seres mutáveis e em movimento contribuiremos para o desenvolvimento de uma nova sociedade – a comunista, onde o padrão cognitivo de conhecimento terá outros elementos.

Desta forma, o marxismo e, nos termos colocados neste trabalho, a educação deveriam exercer a função preponderante de recuperar a abordagem ontológica do conhecimento, superando as ideologias que falseiam o real e proporcionando uma aproximação intelectual do ser autêntico, através de atividades educativas de caráter emancipador, conforme Tonet (2013b).

Conclui-se, portanto que a superação da abordagem gnosiológica de conhecimento é fundamental, pois esta escamoteia os fatos e provoca um falseamento da realidade, de modo que a produção de conhecimento detém-se aos fenômenos sociais, a partir dos saberes dos sujeitos. Tal mudança torna-se imprescindível para compreender o trabalho como base social e central no processo desenvolvimento histórico, visto que somente com essa perspectiva é possível superar a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual, a fim de caminhar para o fim do capitalismo.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 15ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ARAÚJO, Maria Núbia de. *A fundamentação teórica como imperativo na graduação em pedagogia: da centralidade dos saberes à centralidade do trabalho*. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Pedagogia), 2014, 78 f. Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, CD Rom, 2014.

ENGELS, Friedrich. *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. In: <http://pcb.org.br/porta1/docs/opapeldotrabalho.pdf>. Acessado em 02 de junho de 2014.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio, 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

LESSA, Sérgio. *A centralidade ontológica do trabalho em Lukács* in: Serviço Social e Sociedade, Nº 52, Ano XVII, dezembro de 1996.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. *Introdução à Filosofia de Marx*. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2008. 128p.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã*. Trad. Rubens Enderle, Nélío Shneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007. 604 p.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010. 191 p.

_____. *O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. Trad. Rubens Enderle, São Paulo Boitempo, 2013.

SAVIANI, Dermeval. *Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos*. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007.

_____. *O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias*. In: FERRETI, Celso João (Org.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SOUSA JUNIOR, Justino. *Marx e a Crítica da Educação* In: *Marx e a Crítica da Educação: da expansão liberal-democrática à crise regressivo-destrutiva do Capital*. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2010. p.19-136.

TONET, Ivo. *Método científico: uma abordagem ontológica*. São Paulo: Instituto Lukács, 2013a. 136 p.

_____. *Atividades educativas emancipadoras*, Maceió, abril de 2013b.

_____. *Educação e formação humana*. In: *Marxismo, Educação e Luta de classes: Teses e conferências do II Encontro Regional Trabalho Educação e Formação Humana*. Susana

Jimenez, Jorge Luís de Oliveira Deribaldo Santos (organizadores), Fortaleza: Ed. UECE/IMO, SINTSEF, 2008. p. 84-95.